

# LAZER: ANIMAÇÃO E PARTICIPAÇÃO CULTURAL

Nelson Carvalho Marcellino  
( Professor do IAC/PUCCAMP )

Analisar as possíveis relações existentes entre a animação e a participação cultural, no âmbito do lazer, é o objetivo deste artigo, onde se entende por **animação cultural** a atividade desenvolvida por profissionais ou amadores que dominem pelo menos um setor cultural e que tenham como característica adicional uma consciência social que os impele a querer difundir esse seu bem cultural<sup>1</sup>.

A animação pode ser desenvolvida no âmbito cultural geral; porém, nesse artigo, será considerada no campo específico das atividades de lazer, entendido ( o lazer ) como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada ( praticada ou fruída ) no “tempo disponível” de obrigações, e tendo como traço definidor o caráter “desinteressado” dessa vivência, uma vez que não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação<sup>2</sup>.

A atuação dos animadores deve ter em vista minimizar os efeitos indesejáveis das barreiras sócio-culturais existentes no campo do lazer<sup>3</sup>. Para que essa atuação seja efetiva é necessário que a ação individual seja calcada na competência técnica, na vontade social e no compromisso político com a mudança da situação nos planos cultural e social. Mais ainda, que os animadores se engajem em grupos organizados dentro da sociedade. Sobre o assunto, Dumazedier fala de uma estrutura de animação piramidal reunindo: os animadores profissionais, de competência geral, no seu topo; uma camada intermediária de semi-profissionais, de competência técnica específica; e animadores voluntários, lideranças culturais informais e espectadores ou amadores ativos, na sua base<sup>4</sup>.

Portanto, a ação dos animadores se situa como mediadora entre o patrimônio cultural e a cultura vivenciada no cotidiano, num trabalho

de democratização cultural. Abordo, com mais detalhes, a questão da organização e atuação dos animadores em outro trabalho<sup>5</sup>. O importante agora, tendo em vista o propósito deste escrito, é vincular a animação à participação cultural.

## A relação animação e participação cultural

Vale ressaltar que entendo por verdadeira participação cultural a atividade não-conformista, mas crítica e criativa de sujeitos historicamente situados. Cabe, assim, à animação cultural contribuir para que os níveis culturais conformistas sejam superados e que a prática de atividades de lazer se transforme em participação efetiva<sup>6</sup>. Entendo, ainda, a participação cultural como uma das bases para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade, na perspectiva gramsciana<sup>7</sup>, tendo em vista não só a instauração de uma nova ordem social, mas de uma nova cultura, iniciada pela necessária reforma intelectual e moral.

Isso não significa o isolamento do plano cultural do social e do econômico, mas tão-somente que não cabe aos animadores justificar o imobilismo pela existência de uma ordem social adversa. Pelo contrário, essa situação aumenta a responsabilidade de atuação na vida cultural, procurando um vínculo orgânico com o povo, buscando sua participação cultural efetiva<sup>8</sup>.

A participação cultural está intimamente relacionada ao grau de informação dos sujeitos envolvidos. Nesse aspecto, concordo com a afirmação de Fernando Henrique Cardoso: "o primeiro requisito para uma participação real é a perda do poder dos núcleos centrais, graças aos mecanismos de informação"<sup>9</sup>. Assim, é tarefa da animação cultural aumentar o grau de informação tendo em vista a participação mais ampla.

Com relação ao campo do lazer, objeto deste escrito, a informação deve ser considerada levando-se em conta o seu duplo aspecto educativo: o lazer como veículo e como objeto de educação<sup>10</sup>.

No que diz respeito ao lazer como veículo de educação, cabe considerá-lo como oportunidade privilegiada, porque "desinteressada" e prazerosa, para o desenvolvimento pessoal e social, a partir do aguçamento da sensibilidade, dos contatos primários ensejados, da tomada de conhecimento de situações reais, e do confronto entre a realidade e a festa. Não se pode negar a importância do exercício do lazer, com suas características lúdicas, de jogo, de festa, como canal de informação, não-somente no campo específico de suas atividades, mas também de uma perspectiva social mais ampla. As oportunidades de lazer constituem também oportuni-

dades de informação e conseqüentemente podem contribuir para o exercício da cidadania. Isso, entretanto, não significa considerá-lo como substituto de outros canais de informação, como a Escola, por exemplo<sup>11</sup>. O que não se pode negar é o fato do lazer constituir um desses canais, apesar das críticas que possam ser atribuídas ao campo específico do lazer, nas sociedades modernas, como focos de alienação e simples consumo. Pelo contrário, isso significa mais um motivo para sua consideração como canal possível de atuação, no plano cultural, visando mudanças nos mecanismos de participação social.

Abordar o duplo aspecto educativo do lazer significa considerar a informação necessária para uma participação mais crítica e criativa no lazer em si, mas também a informação que extrapola as atividades de lazer, fundamental para a participação social ativa, arma contra a manipulação. Assim, a participação ensejada pela animação cultural não pode ficar na dependência exclusiva das atividades de lazer; está inserida dentro de um processo educativo global, que não considera o lazer isoladamente. Da mesma forma qualquer processo educativo que tem em vista uma participação real não pode deixar de considerar o campo da animação cultural, nas atividades de lazer, como um dos canais privilegiados de informação, canal esse colocado historicamente.

No que diz respeito ao lazer como objeto de educação, vale ressaltar que os entraves verificados, nos planos cultural e social, para uma participação efetiva nesse campo, chamam a atenção para que se leve em conta, que também para o exercício crítico e criativo do lazer é necessário que se tenha informação específica, que signifique estímulo que valorize essa esfera de atuação humana e iniciação nos seus vários conteúdos ( arte, esportes etc. )<sup>12</sup>. Já abordei essa questão com relação à Escola como agência de educação para o lazer<sup>13</sup>. Quero enfatizar aqui a importância da educação para o lazer no âmbito geral da animação cultural no próprio lazer.

### **Os riscos na atuação do animador**

Desse ponto de vista cabe chamar a atenção para os riscos que envolvem a atuação de especialistas na área. Pode ocorrer, como nos lembra Marilena Chauí, a atuação do especialista instrumentalizando a cultura como fator de compensação da sua "improdutividade" na nossa sociedade. Seu discurso, assim, se transformaria em "guia prático" orientador do lazer<sup>14</sup>. Se existem riscos gerais na formação de especialistas, na área do lazer eles são agravados pela própria natureza das atividades.

Esses riscos incluem a possibilidade de direcionamento das atividades que pode estar embutida na atuação do animador. Mesmo quando

essa atuação é precedida por sondagens, pode-se enveredar por terrenos perigosos, uma vez que elas poderão detectar valores da ideologia dominante e, dessa forma, a atuação do animador contribuirá para reforçar esses valores, de certo modo fundamentada na falácia de "dar ao povo o que ele quer", sem considerar as pressões culturais determinantes para esse querer, e deixando de lado o papel "pedagógico" da animação. Da mesma forma, pode-se correr o risco de levar ao encorajamento de práticas tradicionais, numa atitude que tende a dificultar o surgimento de novas alternativas.

Outros riscos são os chamados "pacotes" de lazer, atividades elaboradas por técnicos em seus gabinetes e apresentadas prontas à população, que simplesmente consome mais um serviço. Não há dúvida que, mesmo assim, são atingidos objetivos consumatórios de prazer e relaxamento. Mas, quanto à participação efetiva, essa prática deixa muito a desejar. As atividades ganhariam muito mais, neste aspecto, se os animadores estivessem ligados às realidades locais e desenvolvessem sua atuação a partir do referencial dos grupos envolvidos.

Deve-se ainda considerar a tendência dos profissionais ao isolamento na sua área específica de atuação, conseqüência bastante desastrosa no caso da animação, uma vez que ela não pode ser considerada de modo isolado, somente relacionada a um conteúdo cultural do lazer, ou ao campo geral do lazer, mas, ao contrário, sempre procurando relacionar os diversos conteúdos culturais e as outras esferas da atividade humana.

Não posso deixar de mencionar também um risco derivado da visão "moralista" do lazer, que o considera como faca de dois gumes, e oportunidade também para a vivência de valores "negativos". Os cuidados do animador não devem ser baseados no ranço "moralista" que poderá impedir sua atuação enquanto animador, fazendo com que ele se transforme numa espécie de censor de manifestações culturais potencialmente de vanguarda.

Outro fator a considerar é a tendência do animador à valorização das suas preferências por setores culturais e por gêneros dentro desses setores, o que poderá impedi-lo de levar em conta, fundamentalmente, os critérios de referência dos grupos com os quais esteja envolvido.

Outros riscos decorrem da atuação institucionalizada dos animadores, quando eles fazem parte de órgãos públicos, empresas ou outras instituições. Nesse caso, disfarçada na idéia de participação pode estar camuflada a consecução dos objetivos não dos grupos envolvidos, mas da instituição orientadora da ação. Não são apresentadas alternativas, mas a "participação" se dá pela persuasão em atividades ou projetos de interesse institucional. Dessa forma a animação perde suas características, deixando de ser efetuada em conjunto com a população, e a participação em trabalhos voluntários na preparação e realização das atividades, não raro, passa a ser encarada como simples utilização de mão-de-obra gratuita.

Quando se aborda a animação ligada à questão da participação cultural, não se pode esquecer, também, como nos lembra Fernando Henrique Cardoso, com relação à participação de modo geral, que “sem que exista um balanceamento entre o que é decisão de vontade e o que é decisão técnica, numa sociedade moderna, a participação não funciona”. Pondera, o autor, que “há certas questões que são de vontade” e que “é mais honesto dizer que há questões de saber”. Coloca, ainda, que “todas podem ser pura e simplesmente do ‘eu quero’, ‘eu não quero’, mas algumas dizem respeito a questões de saber”. Baseado nessas considerações, Fernando Henrique formula algumas questões gerais que também podem ser consideradas na relação animação e participação cultural: “E como se limita essas questões que são questões de saber? Como se impede que os que sabem, usem disso, que é real, como um artifício ilegítimo de estender seu poder? E de simular que é uma questão de saber?”. São questões que podem ser colocadas a qualquer animador profissional das mais variadas áreas: professores de educação física, bibliotecários, arte-educadores, arquitetos, sociólogos etc. Fernando Henrique conclui que “certas questões que não são de saber, mas de solução real, são apresentadas como se não houvesse outra opção”. E finaliza: “só há uma solução: o debate nos próprios níveis técnicos”<sup>15</sup>.

No caso da animação cultural, no campo do lazer, essa questão adquire contornos preocupantes, uma vez que os profissionais envolvidos são de áreas diversas e as soluções não se apresentam de forma consensual. Isso não impede, e pelo contrário, torna necessário o debate entre os animadores profissionais, para que as várias soluções encontradas sejam apresentadas como alternativas. A situação, nesse particular, se apresenta de maneira grave na atuação institucionalizada, uma vez que a instituição quer apresentar uma única solução como sendo a sua. Mas, isso de maneira alguma impediria que o debate se manifestasse, pelo menos, no âmbito da instituição. Não raro, nem isso ocorre, e as opiniões divergentes simplesmente deixam de ser consideradas, conforme o grau de poder interno — não se estabelece nem o debate, nem o diálogo. Assim, a questão técnica deixa de ser politizada, “no sentido de mostrar que há alternativas”<sup>16</sup>, ferindo os requisitos para a participação: “a participação exige informação e que exista uma controvérsia, para que as soluções que apareçam como técnicas não sejam uma só”<sup>17</sup>.

Todas essas considerações ganham importância ampliada, se considerarmos que as ligações entre o lazer, com os seus componentes lúdicos, do jogo, da festa e do brinquedo, e a cultura, entendida de uma perspectiva abrangente, são muito profundas. Elas transcendem a aquisição de informações e o debate, no plano cultural, entre soluções diferenciadas. Não ficam, assim, restritas ao conteúdo da participação, mas estão diretamente ligadas à forma pela qual essa participação se processa, à criticidade e à criatividade do seu exercício.

Para Johan Huizinga, a ligação lúdico/jogo e cultura é estabelecida de uma perspectiva social: "a cultura surge sob a forma de jogo (...), em suas fases mais primitivas a cultura possui um caráter lúdico, (...) ela se processa segundo as formas e no ambiente do jogo"<sup>18</sup>.

A mesma ligação é estabelecida por D. W. Winnicott, a partir do brincar, de uma perspectiva individual; para ele "o brincar conduz naturalmente à experiência cultural e, na verdade, constitui seu fundamento"<sup>19</sup>. Esse autor coloca a riqueza na experiência do brincar como base para a captação criativa da herança e da formação dos indivíduos: "É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)"<sup>20</sup>.

## Conclusões

Embora alguns autores<sup>21</sup> estabeleçam a diferença entre a esfera do lúdico (criação contínua, ininterrupta) e a do lazer (permitida e controlada socialmente), e, ainda que as atividades de lazer observadas no cotidiano sejam marcadas por fortes componentes de produtividade e "utilidade", constituindo práticas compulsórias, denotadoras de "status", não se pode ignorar a ocorrência histórica do lazer. A partir daí é possível entendê-lo como um campo específico de atividades, relacionado a outras esferas da vida humana, e com possibilidades, dadas as suas características, para a ocorrência do lúdico, do brincar, da festa, do prazer. Do meu ponto de vista essa parece ser uma postura que contribui para uma efetiva atuação, no plano da animação cultural, visando mudanças nos mecanismos de participação, procurando torná-la mais ampla, crítica e criativa<sup>22</sup>.

Se a ação através da animação cultural é importante para a participação, em todas as faixas etárias, ela se torna imprescindível durante a infância. São as experiências individuais concretas que determinam um maior ou menor grau de participação cultural<sup>23</sup>. Assim, é importante assegurar e estimular a vivência do lúdico na criança, buscando formar uma base sólida onde a criatividade e a criticidade possam ser fundamentadas.

Mesmo levando em conta que alguns autores<sup>24</sup> colocam, que não se pode falar do lazer infantil, pelo menos antes da idade escolar, onde a obrigação se configura, é preciso levar em conta que, na nossa realidade, as obrigações familiares e até profissionais, pela necessidade de completar, ou em muitos casos, manter o orçamento doméstico, ocorrem muito cedo, para um número significativo de crianças<sup>25</sup>. A animação cultural não deve simplesmente fechar os olhos diante desse quadro, uma vez que as obrigações prematuras poderão frustrar a espontaneidade, a capacidade de brincar e o impulso criativo, necessários à participação cultural<sup>26</sup>.

As relações existentes entre a animação, no campo do lazer, e a participação cultural, quer quanto ao conteúdo, quer quanto à forma, demonstram a necessidade de atuação na área de animação, em todas as faixas etárias, já a partir da infância, buscando denunciar e superar as dificuldades e deficiências verificadas na fruição do lazer, que certamente repercutirão nos graus diferenciados da participação cultural.

As observações, aqui efetuadas, quanto aos riscos que envolvem a animação cultural, no campo do lazer, não significam um desestímulo à atuação dos animadores. Pelo contrário, creio que demonstram a necessidade de um repensar constante da atuação individual, buscando redimensionamentos. Demonstram, ainda, a necessidade do engajamento em grupos de animadores, procurando o intercâmbio de experiências, e em movimentos mais amplos, que tenham por objetivo não simplesmente o puro consumo de atividades alienantes, para preencher o vazio do "tempo livre" livrando-o de comportamentos ambíguos, aliviando tensões sociais, ou apenas recuperando a força de trabalho, para mais trabalho sem significado humano, mas a efetiva participação cultural enriquecedora do verdadeiro exercício da cidadania.

#### Notas

- (1) Abordo a questão em **Lazer e Humanização**, p. 73.
- (2) Nelson C. MARCELLINO, **Lazer e Educação**, p. 19.
- (3) Análise as barreiras sócio-culturais em **Lazer e Humanização**, p. 49 a 56.
- (4) Joffre DUMAZEDIER, **Questionamento teórico do lazer**, p. 51 a 53.
- (5) **Lazer e Humanização**, p. 67 a 81.
- (6) Sobre os níveis: elementar ou conformista, médio ou crítico, superior ou inventivo, ver Joffre DUMAZEDIER, **A Teoria sociológica da decisão**, p. 72-73.
- (7) Abordo a questão em "Gramsci e a revolução cultural", **Reflexão**, 27, p. 33 a 46.
- (8) *Ibid.*, p. 44.
- (9) Fernando Henrique CARDOSO, **Democracia necessária**, p. 65.
- (10) Entre outros autores, o assunto é analisado por Renato REQUIXA, **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer**, p. 52 a 59. Abordo a questão em **Lazer e Educação**, p. 38 a 61.
- (11) Discuto a relação lazer/escola em **Lazer e educação**, *passim*.
- (12) Abordo a questão dos conteúdos do lazer em **Lazer e humanização**, p. 39 a 43.
- (13) **Lazer e educação**, *passim*.
- (14) Marilena CHAUI. O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: a morte do educador. In: Carlos Rodrigues BRANDÃO (Org.), **O Educador: vida e morte**, p. 58 a 60.
- (15) Fernando Henrique CARDOSO, *op. cit.*, p. 67.
- (16) *Ibid.*, p. 68.
- (17) *Ibid.*, p. 67.
- (18) Johan HUIZINGA, **Homo ludens**, p. 53.
- (19) D. W. WINNICOTT, **O brincar e a realidade**, p. 147.
- (20) *Ibid.*, p. 80.
- (21) Herbert MARCUSE, **Eros e Civilização**, p. 173 e **A ideologia da sociedade industrial**, p. 20. Ver também Edmir PERROTTI, A criança e a produção cultural, In: Regina ZILBERMAN (Org.), **A produção cultural para a criança**, p. 20.

- (22) Nelson C. MARCELLINO, **Lazer e educação**, p. 16-17.  
 (23) D. W. WINNICOTT, op. cit., p. 148.  
 (24) Stanley PARKER, **A Sociologia do lazer**, p. 60-61.  
 (25) Ver, por exemplo, as conclusões da pesquisa de Bárbara FREITAG, **Sociedade e Consciência**, p. 205-206.  
 (26) D. W. WINNICOTT, op. cit., p. 197.

### Bibliografia

- CARDOSO, Fernando Henrique, **A democracia necessária**. Campinas, Papi-  
 rus, 1985.
- CHAUÍ, Marilena. O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: a morte  
 do educador. In: BRANDÃO, Carlos Henrique (Org.), **O educador:  
 vida e morte**, Rio de Janeiro, Graal, 1982, p. 51-70.
- DUMAZEDIER, Joffre. **A teoria sociológica da decisão**. São Paulo, SESC,  
 1980.
- \_\_\_\_\_. **Questionamento teórico do lazer**. Porto Alegre, CELAR, s.d.
- FREITAG, Bárbara. **Sociedade e consciência**: um estudo piagetiano na  
 favela e na escola. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1984.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. S.  
 Paulo, Perspectiva/Ed. da USP, 1971.
- MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e educação**, dissertação de mestrado.  
 Campinas, PUCAMP, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Lazer e humanização**. Campinas, Papi-  
 rus, 1983.
- \_\_\_\_\_. Gramsci e a revolução cultural. **Reflexão**, PUC 8 (27): 33-46,  
 set./dez. 1983.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**, Rio de Janeiro,  
 ZAHAR, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamen-  
 to de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN,  
 Regina (Org.), **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre,  
 Mercado Aberto, 1982, p. 9-27.
- REQUIXA, Renato. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de  
 lazer**. São Paulo, SEC, 1980.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro, IMAGO,  
 1975.